



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 23 DE SETEMBRO, DE 2024 - 21H00

Sessão 16 “DO FUNDO DO CORAÇÃO” (1982)



Após o sucesso das duas primeiras partes de “O Padrinho” e depois do avassalador “Apocalypse Now”, Francis Ford Coppola, no auge da sua celebridade, resolve investir e perder 30 milhões de dólares num filme único que se constituiu num dos maiores desastres da história do cinema. “Do Fundo do Coração” (One From The Heart) é, no entanto, um dos momentos mágicos do cinema, um dos mais belos e incompreendidos filmes de toda a história do cinema, que tem sido fértil em incompreensões e graves erros de cálculo. Em 1982, aquando da sua desastrosa estreia, nem público nem crítica acertaram no juízo e levaram à falência um sonho megalómano de um génio desfasado do seu tempo.

Alguns anos depois, “One From The Heart” é filme de culto e obra mágica, uma dolorosa meditação sobre o amor em crise, que consegue transformar cada imagem em pura poesia e arrancar com o cinema para terrenos de uma fantasia sem mácula, que fala do real através do fantástico. Nada neste filme é rodado em cenários reais, a Las Vegas que vemos logo desde o genérico (imagens que começam na Lua e descem em filmagens aéreas até à Terra) é totalmente reconstruída nos estúdios da Zoetrope, desde as ruas, casas, casinos, lojas, “jardins do Paraíso” ou “Paraísos Tropicais” até ao mais majestoso ou minúsculo letreiro de néon.

Tudo se passa em Las Vegas porque Coppola acha que “o amor é o maior jogo das nossas vidas”. Porque se perde e ganha numa frase, num gesto, num silêncio. “Quem me dera ter um dólar por cada vez que apostei naqueles Romeus de meia-tijela que simulam romances. Estou sempre a pensar na última vez que caí nisso, sabendo que vamos apaixonarmo-nos numa cidade”, diz a voz feminina, ao que responde a voz masculina: «Em todas as épocas todos os sábios dizem “Não gastem o salário com o amor.” Há corrupção e conluio, evita a intrusão. Existe exposição exagerada nas encruzilhadas. Todos temos as condições para acreditar que o amor foi concebido para explorar e decepcionar e existe uma adenda para onde quer que as envies, a bola vermelha vai bater-te sempre no peito, verás. Não gastes o salário com o amor.»

É Tom Waits quem vai cantando ao longo do filme, a solo ou em diálogo com Crystal Gayle, sobrepondo as suas vozes aos pensamentos de Hank (Frederic Forrest) e Franny (Teri Garr), o casal que se separa na noite da véspera do 4 de Julho, depois de cinco anos de vida em conjunto. Percebe-se por que se dá a separação: ela sonha com paraísos tropicais, é empregada numa agência de viagens, é ela que semanalmente decora as montras da loja segundo as fotografias míticas e os folhetos promocionais de terras de sonho e promessas de amor exótico, é ela que compra dois bilhetes de avião para Bora Bora para oferecer a Hank no quinto aniversário do seu encontro. Hank é de outra galáxia. O seu presente é muito mais terra a terra: oferece a Franny o certificado de compra da casa onde habitam. Ele aposta no real, ela aposta no sonho. Ele faz o jantar em casa, enquanto ela se veste para ir jantar fora. Se o amor é encontro, aqui sobressai o desencontro. Ambos vêem claramente que nada é claro. E nessa mesma noite, ela sai para ir ter com uma amiga, Ângela, ele deixa a casa para se lamentar junto de um amigo, Moe. Ainda nesse dia, Franny encontra Ray que se diz cantor e a convida a ir a um restaurante, onde afinal serve à mesa, enquanto Hank encontra Leila, uma mulher mágica, dançarina em taça de champanhe, que lhe traz o mundo do circo e o perfume inebriante de uma noite de amor na carcaça de um carro da sua oficina de usados.



Franny sente-se incompleta, quer conhecer o sonho que diariamente vende ao balcão da agência de viagens. Julga perceber que Hank “não é o seu príncipe encantado”, e pergunta-se mesmo se “haverá saída para este sonho?”. Não esquece que foi ele quem a salvou um dia no meio do deserto quando o seu carro parou e ele apareceu com um reboque. Mas a vida muda muito. Cinco anos é muito tempo. Um mecânico de automóveis e uma empregada de agência de viagens terão futuro conjunto?



Ela vai dançar com o seu desconhecido latino-americano, ele toca para ela, como em “Casablanca”, depois vão ambos curtir para um quarto de motel, que lhes traz à memória certamente o calor tropical de quaisquer ilhas do Havai. Hank vai com Leila e adormece-a ao luar nos seus braços no banco dianteiro de um descapotável. “Tu és a paisagem dos meus sonhos.” Sonhos! Sonhos e mais sonhos. Leila parece ter a Lua na mão enquanto se equilibra em cabos de alta tensão e todos descobrimos que “o amor é um número muito arriscado”. Hank compõe uma música para Leila com as buzinas dos carros usados e ela descobre-se nos jardins do Taj Mahal. Sonhos também, como sonho é o encontro de Franny com o “latin lover” de meia-tijela. Depois, na manhã seguinte, qual fada encantada, Leila desaparece por magia quando Hank descobre que afinal é Franny quem ama, quem sempre amou e invade o quarto do motel para raptar a noiva perdida.

Ao longo do filme, a imagem do avião vai estando presente, como um “leitmotiv” imperioso, é de avião que Franny e Ray partem para o seu destino exótico, perseguindo o sonho. “Ele canta para mim”, explica Franny, quando Hank a persegue até à porta de embarque e lhe pergunta “que te faz ele?”. “Se eu soubesse cantar, também cantava para ti!” e canta desafinado a mais bela canção que lhe vem “do fundo do coração”.

E, num lamento, Tom Waits acrescenta: “Leva-me para casa, seu tonto, o mundo não é redondo sem ti.”

Filme de luzes que se acendem e outras que se apagam, de cenários que se cruzam, como se cruzam os percursos de personagens à deriva em busca do mais frágil dos sentimentos, o amor, “One From the Heart” é o mais belo dos filmes baseados no artifício, no jogo do faz-de-conta, na construção do sonho de espaços únicos e de espaços partilhados. Com esta obra, Coppola abre caminhos ao cinema, pulveriza a noção de cenário convencional, destrói paredes e barreiras, com um simples apagar e acender de luzes, transporta personagens no espaço, afasta-as ou aproxima-as. Num cenário totalmente recriado, um avião sobrevoa o desespero da perda nuns olhos alucinados pela dor, enquanto os néons do deslumbramento e do atordoamento não param de luzir trémulos.

Francis Ford Coppola constrói do nada, como número de circo, uma das mais belas e dolorosas meditações sobre o amor, o amor paixão, o amor quimera, o amor desejo, o amor suave companhia ou brutal volúpia, sobre o mistério do amor que se re-inventa a cada passo, a cada gesto, a cada frase. Como se re-inventa o cinema em cada plano, em cada travelling, em cada mudança de cenário operada pela magia do faz-de-conta. Que outra coisa é o cinema, senão um fabuloso enredo de faz-de-conta que Coppola tece com a volúpia de um jongleur de imagens e emoções? Frederic Forrest (Hank), Teri Garr (Frannie), Raul Júlia (Ray), Nastassja Kinski (Leila), Harry D. Stanton (Moe) são os seus

parceiros de jogo, na mesa visível onde se trocam as cartas, mas por detrás dos cortinados, nos bastidores deste casino de amores desencontrados e reencontrados, outros mágicos se entretêm a manipular a roda da sorte.

Lauro António



DO FUNDO DO CORAÇÃO

Título original: One from the Heart

Realização: Francis Ford Coppola (EUA, 1982); Argumento: Armyan Bernstein & Francis Ford Coppola; Música: Teddy Edwards, Tom Waits (canções); Fotografia (cor): Ronald Victor Garcia, Vittorio Storaro; Montagem: Rob Bonz, Rudi Fehr, Anne Goursaud, Michael Magill, Randy Roberts; Casting: Jennifer Shull; Design de produção: Dean Tavoularis; Direcção artística: Angelo P. Graham; Decoração: Gary Fettis, Leslie McCarthy-Frankenheimer; Guarda-roupa: Ruth Morley; Maquilhagem: Jeff Angell, Jene Fielder, Barbara Lorenz; Direcção de produção: Donald Heitzer, Ralph S. Singleton; Assistentes de realização: Daniel Attias, Kenneth D. Collins, Arne Schmidt; Departamento de Arte: William Cruse, Roger Dietz, Dennis Gassner, Claudia Gilligan Ivanjack, Joe Griffith David Jonas, Nancy Mickelberry, Alex Tavoularis; Som: Richard Beggs, Richard Burrow, Teresa Eckton, Vivien Hillgrove Gilliam, Pete Horner (versão de 2003), Leslie Shatz, Jim Stuebe, James E. Webb; Efeitos especiais: Joe Lombardi; Efeitos visuais: Kathryn Campbell, Robert Eberlein, Raymond Fielding, Bill George, Rocco Gioffre, Karl Herrmann, Gregory Jein, Tom Koester, Jeffery Roth, Robert Swarthe; Produção: Kim Aubry, Armyan Bernstein, Gray Frederickson, Bernard Gersten, Fred Roos, Mona Skager;

Com: Frederic Forrest (Hank), Teri Garr (Frannie), Raul Julia (Ray), Nastassja Kinski (Leila), Lainie Kazan (Maggie), Harry Dean Stanton (Moe), Allen Garfield, Jeff Hamlin, Italia Coppola, Carmine Coppola, Edward Blackoff, James Dean, Rebecca De Mornay, Javier Grajeda,

Cynthia Kania, Monica Scattini, Luana Anders, Brynn Baron, Douglas Brian Martin, Tom Waits, etc.;

Duração: 107 min; Distribuição em Portugal: Lusomundo Audiovisuais; Classificação etária: M/ 12 anos.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 30 DE SETEMBRO DE 2024

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“A FELINA” de Paul Schrader / 1982